VOLUMEN 3 NÚMERO 1 2016

Revista Internacional de

# Pedagogía y Currículo

## Espaços e movimentos do currículo e a produção de subjetividades

ANGÉLICA VIER MUNHOZ
MORGANA DOMÊNICA HATTGE

COMMON GROUND

SOBRELAEDUCACION.COM

# Espaços e movimentos do currículo e a produção de subjetividades

Angélica Vier Munhoz, Centro Universitário Univates, Brasil
Morgana Domênica Hattge, Centro Universitário Univates, Brasil

***Resumo:*** *O presente trabalho apresenta os resultados parciais da pesquisa Currículo, espaço, movimento (CEM/Cnpq), vinculada ao Mestrado em Ensino (UNIVATES/RS/BR), cujo objetivo reside em investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não-escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não- escolarizados. Tal estudo articula-se ao pensamento da Filosofia da Diferença, a partir dos autores Deleuze & Guattari, Foucault e Barthes. As aproximações com a genealogia de Michel Foucault possibilitam a construção de formas variadas de inserção metodológica (entrevistas, observações, análise de documentos). O campo empírico da pesquisa é constituído por dois espaços escolares e dois não-escolares: uma escola em Bogotá/Colômbia; uma escola pública e uma ONG na cidade de Lajeado/RS/BR; e uma fundação de Arte, em Porto Alegre/RS/BR. Ao problematizarmos as noções de escolar/escolarizado e não-escolar/não-escolarizado passamos a operar com dois intercessores: espaço e movimento. O espaço refere-se ao escolar e não-escolar; o movimento, ao escolarizado e não-escolarizado. Analisar as condições que possibilitaram a emergência de certas práticas, bem como pensar de que modo o currículo pode compor-se e cruzar-se com novas experimentações curriculares pode ajudar-nos a compreender as formas de produção de subjetividades que se instituem no interior desses espaços e a partir desses movimentos.*

***Palavras chave:*** *currículo, espaços, movimentos*

***Abstract:*** *This paper presents partial results of a research carried out by the group Curriculum, space, movement (CEM/Cnpq), linked the Master's course in Teaching (UNIVATES/RS/BR), aiming to investigate curriculum specificities in school and non-school settings and their relations and intersections with schooled and non-schooled movements. Such study has been articulated with the Philosophy of Difference by considering works by Deleuze & Guattari, Foucault and Barthes. The approximations to Michel Foucault's genealogy have enabled the construction of different ways of methodological insertion (interviews, observations, documental analysis). The empirical field of the research has comprised two school and two non-school settings: a school in Bogota/Colombia; a public school and a non-governmental organization in Lajeado/RS/BR; and an Art foundation in Porto Alegre/RS/BR. By problematizing the notions of school/non-school and schooled/non-schooled, we have operated with two intercessors: space and movement. Space is related to school and non-school settings; movement refers to the notions of schooled and non-schooled. Analyzing the conditions that have enabled the emergence of certain practices, as well as thinking about the ways through which the curriculum can be composed of and crossed by new curricular experimentations, may help us understand the forms of production of subjectivities that have been instituted in those spaces and from those movements.*

***Keywords:*** *Curriculum, Spaces, Movements*

## Da pesquisa

Trata-se de pensar o currículo, seus espaços e movimentos, tema que move o Grupo de pesquisa Currículo, espaço, movimento (CEM/Cnpq), em uma pesquisa vinculada ao Mestrado em Ensino (UNIVATES/RS/BR), cujo objetivo é investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados. Tal estudo articula-se ao pensamento da Filosofia da diferença[1], a partir dos autores Deleuze & Guattari, Foucault e Barthes. Por outro lado, as discussões curriculares também tornam-se centrais visto que se trata de uma pesquisa acerca do currículo. Para a referida discussão entram em cena as teorizações curriculares pós-estruturalistas, a partir dos desdobramentos de autores como San-

[1] A Filosofia da diferença, criada por pensadores franceses contemporâneos, entre eles Deleuze, Guattari e Foucault, toma como princípio a multiplicidade, se contrapondo ao pensamento da identidade e da representação. A questão central da filosofia da diferença é o pensamento, tal como se exerce na filosofia, nas ciências, nas artes, na literatura, tendo como ponto de partida a criação.


© Common Ground España. Angélica Vier Munhoz, Morgana Domênica Hattge.
Todos los derechos reservados. Permisos: soporte@commonground-es.com

dra Corazza, Tomaz Tadeu, Silvio Gallo, entre outros. Assim a discussão sobre o conhecimento e a verdade, o sujeito e a subjetividade, os valores e o poder, bem como as questões sobre o que é ou deve ser ensinado não se separa da problematização sobre o que, em determinado tempo e espaço, constitui-se como conhecimento válido, verdadeiro, ou, em outras palavras, o que "quer" (Corazza, 2001) determinada organização curricular. Ao problematizar as noções de escolar/escolarizado e não escolar/não escolarizado opera-se com dois intercessores: espaço e movimento. O espaço refere-se ao escolar e não escolar; o movimento ao escolarizado e não escolarizado. Dessa forma, o campo empírico da pesquisa é constituído por dois espaços escolares e dois não escolares: uma escola em Bogotá/Colômbia; uma escola pública e uma ONG na cidade de Lajeado/RS/BR e uma fundação de Arte, em Porto Alegre/RS/BR. Analisar as condições que possibilitaram a emergência de certas práticas, bem como pensarmos de que modo o currículo pode se compor e se cruzar com novas experimentações curriculares pode nos ajudar a compreender as formas de produção de subjetividades que se instituem no interior desses espaços e a partir desses movimentos.

## Das questões centrais de um currículo

Afirmam Corazza e Silva (2003, p.37): "uma teoria do currículo deveria discutir, no mínimo, quatro questões centrais: a questão do conhecimento e da verdade; a questão do sujeito e da subjetividade; a questão do poder; a questão dos valores". Tais questões são tomadas como tensionamentos para pensar o currículo, a partir da perspectiva da Filosofia da diferença. Em relação ao conhecimento e à verdade, recorre-se sempre à questão sobre o que ensinar, e por conta disso, "o que constitui conhecimento válido ou verdadeiro?" (p.37). Entende-se que, ao realizar tais perguntas, encontramo-nos no plano da representação, afinal operamos com a noção de que há uma verdade a ser ensinada, um saber legítimo a ser transmitido. A representação enquanto fundamento do pensamento, desde Platão, é centrada na busca de critérios de verdade apoiados em valorações e julgamentos, afastando qualquer possibilidade de pensamento imanente. Por sua vez, a questão do sujeito e da subjetividade, trazem a crença em um eu central "O eu substancial, o ego transcendental, o cogito cartesiano colocam o sujeito no centro da ação" (p. 42). Dessa forma, o sujeito é entendido como identidade, ou dito de outra forma, como uma unidade estável e substancial. Nesse contexto é possível compreender que trata-se sempre de um "eu" que pensa, age e aprende. Ainda sobre a questão dos valores e do poder, Corazza e Silva (2003) nos ajudam a pensar que os valores expressam uma escolha e nesse sentido poderíamos perguntar "por que esse valor e não outro?" (p.45), ou ainda, trazendo para o campo do currículo, "por que esse saber e não outro?". As escolhas por tal conhecimento ou tal verdade não são isentas de valorações, mas são produções que resultam de um campo de forças e de vontade de poder. Sendo assim, o campo do currículo é território da verdade, do sujeito, da moral e da vontade de poder. "Um currículo é sempre uma imposição de sentidos, de valores, de saberes, de subjetividades particulares. É sempre uma escolha forçada, para nos valermos da força de um oxímoro". (Corazza e Silva, 2003, p.55).

É a partir dessas discussões que podemos pensar que o currículo se tornou um poderoso dispositivo de produção de sentidos e valores, configurando saberes, espaços, tempos e sujeitos em uma determinada ordem. É em meio a tais discussões que também é possível pensar em alguns desdobramentos do currículo, problematizando as suas condições de emergência e as possibilidades de criação e experimentação.

## Dos movimentos e espaços

Ao perguntar pelos modos através dos quais se constitui o currículo em determinados espaços escolares e não escolares, questionamos as condições que possibilitaram a emergência de determinadas práticas, assim como os marcadores sociais, políticos e econômicos que operam em sua constituição. Entendendo que as verdades de um currículo não preexistem a ele, e que sua existência só faz sentido em uma determinada relação de poder, tal pesquisa se articula ao pensamento do currículo

enquanto imposição de sentidos, de valores, de modos de subjetivação particulares, bem como busca operar em favor de suas rupturas e possibilidades de experimentações.

Propõe-se, então, um estranhamento do currículo, entendido como forma de governamento, de regulação dos sujeitos e coisas, como programa com função educativa, pois tomado nesse sentido, o currículo conecta-se a um movimento escolarizado ou escolarizante, delimitando fronteiras.

Os conceitos de escolar e não escolar comumente misturam-se com os conceitos de escolarizado e não escolarizado, como se essas relações estivessem diretamente relacionadas com o local onde ocorre o processo educacional. No entanto, sabe-se que tais delimitações não são precisas, uma vez que outros determinantes, além do espaço físico, devem ser considerados, tais como as relações, movimentos e disciplinamentos em cada espaço educativo.

> Uma vez tomada por escolarizada, a educação irá pressupor, também, a invenção de espaços próprios, o controle do tempo em que se desenvolvem as atividades, a seleção dos saberes aos quais se confere caráter de universalidade, a invenção de uma relação saber-capacidade, a obrigação à frequência, a desqualificação de outras práticas distintas, a seriação, a avaliação e a certificação. (Corrêa, 2000, p.54)

Em meio a experimentações nômades e formações sedentárias, interessa-nos pensar as passagens e as combinações, as alternâncias e sobreposições entre as operações de alisamento e estriagem[2], ou seja, de que modo a organização dos saberes, das práticas, da vida, pode entrar em um movimento contínuo de desprendimento de valores, medidas e propriedades, ao mesmo tempo em que as linhas de fuga, os movimentos criadores, não cessam de ser rebatidos e remanejados por uma maquinaria normativa.

Assim, o currículo pode ser entendido como uma máquina de estado, instauradora de espaços estriados e sedentários ou uma máquina de guerra, produtora de espaços lisos e nômades. Não uma ou outra, mas uma e outra. Para Deleuze e Guattari (1997, p.180), "os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso". Passa-se ora do liso ao estriado, ora do estriado ao liso, em movimentos que são inteiramente diferentes e, no entanto, se encontram e se misturam (Deleuze e Guattari, 1997). O espaço estriado é demarcado por muros, cercados, caminhos entre os cercados, terrenos regulados, indicando direções divisíveis por fronteiras. O espaço liso, apenas por traços que se apagam e se deslocam do trajeto. Não localizado, não delimitado, o espaço liso torna-se nômade em suas variações, intensidades, afectos, polivocidades e multiplicidades de direções. "O que ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos, os ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras, como no deserto, na estepe ou no gelo" (Deleuze e Guattari, 1997, p.185).

O currículo, enquanto movimento escolarizado, fixa-se a um espaço estriado que captura e hierarquiza saberes e relações. Contudo, quando o currículo é tomado por linhas, atalhos, fluxos, abre-se um leque de possibilidades que modifica os limites, os contornos, a lógica escolarizante. Tal lógica pode estar presente nos espaços escolares e não escolares, pois o que a define não é a configuração do espaço, mas a qualidade dos seus movimentos. Fora dessa lógica, os espaços podem se tornar mutantes, nômades, visto que prioriza-se os processos, os atravessamentos, os cruzamentos.

> ... o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar... Mas sempre as passagens de um a outro, as transformações de um no outro, as reviravoltas. (Deleuze e Guattari, 1997, p.190)

Os movimentos, as passagens e as trocas de saberes em currículos não escolarizados, escolares ou não, podem configurar-se através de aprenderes desvinculados de resultados, de significações reduzidas por ações pedagógicas. Em tal perspectiva, a proposta de um currículo não escolarizado é também um esforço de "oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico" (Foucault, 2004, p.172), através da "reativação dos saberes locais – menores, diria

[2] Deleuze & Guattari (Mil Platôs, vol. 5, 1997), tomam os conceitos de liso e estriado da teoria musical de Pierre Boulez para referir-se a um espaço nômade e a um espaço sedentário, respectivamente.

talvez Deleuze - contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder" (Foucault, 2004, p.172).

Assim, o currículo é um local de subjetivação ou um dispositivo de produção de subjetividades. Dessa forma, ao investigar os espaços escolares e não escolares e seus movimentos escolarizados e não escolarizados, busca-se também compreender as formas de produção de subjetividades que se instituem no interior desses espaços e a partir desses movimentos.

> Se nos sentimos obrigados a nos colocar a nós próprios como sujeitos com uma certa e desejada ontologia, uma vontade de ser, isso se deve às formas pelas quais relações particulares do exterior têm sido invaginadas, dobradas, para formar um lado de dentro ao qual um lado de fora deve sempre fazer referência. (Rose, 2001, p.179)

## Dos aportes metodológicos

A aproximação com a genealogia de Michel Foucault possibilita a construção de formas variadas de inserção metodológica. A genealogia implica não a busca de uma origem intacta, o começo de tudo; mas o mapeamento das permanências e descontinuidades inerentes ao nosso objeto de pesquisa. A partir do olhar sobre a formação do currículo e dos mecanismos nele presentes, busca-se entender como se deu esse processo de constituição curricular via seus dispositivos de poder disciplinar (Foucault, 2004).

O estudo genealógico parte do presente em direção ao passado tomando a história não como um processo evolutivo, mas cujas rupturas, impasses, reconfigurações e recorrências nos permitem compreender as práticas pelas quais nos tornamos sujeitos de determinada cultura, de determinados espaços e discursos. A genealogia atenta para as condições de proveniência e para o momento de emergência, para as condições de possibilidade que fazem com que determinados discursos ganhem intensidade. A análise leva sempre a novas buscas, a mudanças de rota e não se limita ao imediatamente localizado, mas também questiona por que – em relação ao nosso objeto de pesquisa, por exemplo – determinadas práticas curriculares não se legitimam e não se fortalecem tais quais aquelas instituídas na modernidade. Para Foucault a genealogia constitui-se em um modo "(...) de fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo, simultaneamente metafísico e antropológico, da memória. Trata-se de fazer da história uma contramemória e de desdobrar, consequentemente, uma forma totalmente diferente do tempo'. (2005, p.277).

O campo empírico da pesquisa é constituído por dois espaços escolares e dois não escolares. Um dos espaços escolares é uma escola em Bogotá/Colômbia, com a qual já existe um convênio com o curso de Pedagogia da instituição em que se desenvolve a pesquisa. Além disso, tal espaço integra a pesquisa porque, nessa escola, se institui um currículo inovador que procura subverter a lógica linear imposta pelas disciplinas. O segundo espaço escolar é uma escola pública situada na cidade de Lajeado/RS, com a qual também o curso de Pedagogia da instituição estabelece parcerias através da realização de estágios curriculares. Os dois espaços não escolares constituem-se em uma ONG existente por dez anos em um bairro periférico da cidade de Lajeado e uma fundação de Arte, localizada em Porto Alegre/RS.

Os pesquisadores utilizam-se de diferentes estratégias metodológicas, como observações registradas em diários de campo, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos, de acordo com os caminhos trilhados no decorrer da pesquisa e os questionamentos que vão se produzindo durante o estudo. O material empírico tem por finalidade estabelecer entendimentos acerca do currículo escolar e não escolar e suas relações com os conceitos de escolarizado e não escolarizado. As entrevistas, registros, análise de documentos, bem como, as observações, abrem-nos a possibilidade de desenvolver diversos olhares sobre tais currículos, enquanto territórios coletivos e políticos que interagem com forças diferenciadas, com dispositivos disciplinares, com possibilidades de experimentações. Assim, o traçado de linhas, de rizomas, dos movimentos curriculares dos espaços escolares e não escolares, permite que se estabeleçam alguns entendimentos e compreensões de suas relações, suas resistências, imobilidades e seus campos de experimentações.

Ao analisar o material de pesquisa com as ferramentas advindas das teorizações de Michel Foucault (1986), a noção de discurso torna-se central. Na proposição metodológica do autor, trata-se de

esmiuçar o discurso não como a língua utilizada, no sentido de análise semiótica, mas enquanto prática, mantendo a sua consistência e fazendo-o surgir na complexidade que lhe é própria.

> O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (Foucault, 1986, pp.61-62)

Nesse sentido, a própria construção do conceito de currículo, compreendido modernamente como um plano hierárquico de organização, passa a ser questionada. Torna-se imprescindível atentar não somente para a história dos conceitos, mas para as rupturas e descontinuidades que constituem a trajetória dos mesmos, assim como os discursos correlatos que possibilitaram as suas emergências, intensificações ou apagamentos. Foucault (1986) alerta que "é preciso manter em suspenso as formas prévias de continuidade" (p.28) e para isso, trata-se de descrever os acontecimentos discursivos, os seus encadeamentos, os lugares institucionais – com, nos e pelos quais se manifesta o currículo.

A variedade de dados a ser coletada visa dar conta das formações discursivas pelas quais é possível explanar a relação da unidade do discurso, o espaço que o circunda e a singularidade do objeto de pesquisa. Elementos estes que possibilitam compreender "um conjunto de regras que são imanentes a uma prática e a definem em sua especificidade" (Foucault, 1986, p.52).

## Das in(conclusões)

Por meio da análise do material de pesquisa[3], buscou-se compreender a emergência de certas práticas nos espaços investigados, bem como compreender de que forma tais espaços e movimentos vão produzindo determinadas subjetividades. Percebe-se, pois, que movimentos escolarizados e não escolarizados coexistem, tanto nos espaços escolares quanto nos espaços não escolares.

Afirmamos isso porque o material empírico evidencia que mesmo nas instituições não escolares há uma organização prévia que define um foco para as atividades e esse foco de estudo ou de experimentação pode ser relacionado a disciplinas específicas. Porém, mesmo nesses espaços, movimentos não escolarizados tornam-se possíveis e necessários para a realização de determinadas atividades. Assim, na construção de projetos de pesquisa, mesmo nos espaços escolares, percebe-se o engendramento de novas possibilidades que atravessam ou transversalizam as categorizações já pensadas.

Nesse sentido podemos pensar que talvez mais do que o espaço – escolar ou não escolar – são os movimentos escolarizantes que vão produzindo uma subjetividade que se efetua a partir de determinada lógica: uma certa rotina, tempos e espaços determinados, relações hierárquicas, regras, sentidos pré-estabelecidos.

Contudo, acredita-se que um currículo pode tornar-se uma experiência não-dogmática que permite experimentar e pensar, pois por mais que tudo pareça cristalizado, alguma coisa do lugar sempre muda quando mudamos de lugar. Mesmo na territorialização do currículo marcado por determinados discursos e práticas,

> outros regimes de signos entram em discordância, abrindo o território às forças do "fora". Ensinamos ou estudamos para quê? Essa aula foi um sucesso ou um insucesso? – pergunta-se o professor. Poucas garantias (ou nenhuma). Tratemos de nos desenveredarmos dessas encruzilhadas". (Munhoz e Costa, 2012, p.65)

Assim, seguimos investigando os referidos espaços, buscando compreender de que modo o currículo pode se compor e se cruzar com novas práticas, tecidas por outras relações de saber e poder, possibilitando a produção de novas subjetividades.

---

[3] Algumas análises da pesquisa foram encaminhadas/publicadas em:
Munhoz, A. V.; Hattge, M. D (2015). *Research as a Curriculum Movement: Teacher Protagonism as a Pathway to Learning.* Procedia: Social and Behavioral Sciences, v. 174, p. 1777-1781.
Ross, B. M.; Munhoz, A. V. (2015) *O ensino por meio de oficinas*. Revista de Iniciação Científica da ULBRA. (no prelo)
Munhoz, A. V.; Hattge, M.; Crizel, A. P.; Rodrigues, A..; DIAZ, J. A. R. *A pesquisa movimentando o currículo: as potências do professor pesquisador.* Revista Interfaces da Educação (UEMS). (aguardando aceite)

## REFERÊNCIAS

Corazza, S. (2001). *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis, Brasil: Vozes.

Corazza, S. e Tadeu, T. (2003) *Composições.* Belo Horizonte, Brasil: Autêntica.

Corrêa, G. (2000). Oficina: novos territórios em educação. In: M. O. Pey. *Pedagogia Libertária: experiências hoje.* Rio de Janeiro, Brasil: Imaginário.

Deleuze, G. e Guattari, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.* Rio de janeiro, Brasil: Ed. 34.

Foucault, M. (2004). *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro, Brasil: Graal.

— (2005). Nietzsche, a genealogia e a história. In: M. B. da Motta (Org.) *Ditos e escritos, II*, 260-281. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.

— (1986). *A Arqueologia do saber.* Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.

Munhoz, A. V. e Costa, L. B. da. (2012). Uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas. In: J. A. M. de Sales; D. G. Feldens (Orgs.). *Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas.* Fortaleza, Brasil: EdUECE.

Rose, N. (2001). Inventando nossos Eus. In: T. T. Silva. (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.* Belo Horizonte, Brasil: Autêntica.

## SOBRE AS AUTORAS

***Angélica Vier Munhoz:*** Doutora em Educação (UFRGS); Docente do Centro de Ciências Humanas e Jurídicas e dos Programas de Pós Graduação - Mestrado em Ensino e Mestrado em Ensino de Ciências Exatas - Centro Universitário UNIVATES.

***Morgana Domênica Hattge:*** Doutora em Educação (UNISINOS). Professora e Coordenadora do Curso de Pedagogia no Centro Universitário Univates (UNIVATES). Integrante do Grupo de Estudos Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI/Unisinos/CNPq).

La ***Revista Internacional de Pedagogía y Currículo*** es una de las diez revistas especializadas que conforman la colección de revistas de la comunidad internacional de Educación y Aprendizaje. La revista explora los procesos de diseño e implementación de experiencias educativas y las dinamicas de enseñanza-aprendizaje.

La revista publica artículos redactados en riguroso formato académico, textos de orientación teórica como práctica, con una aproximación prescriptiva como descriptiva, incluyendo las narrativas de prácticas de diseño e implementación educativas, y los efectos de dichas prácticas. Son especialmente bienvenidos los artículos que presenten el estado del arte de esta especialidad, así como los textos que propongan prescripciones metodológicas.

La ***Revista Internacional de Pedagogía y Currículo*** es una revista evaluada por pares y acepta artículos en español y portugués.

ISSN: 2386-7574

ISBN 000-0-00000-000-0